

Raquel Vilaça
(Coord.)

Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história



Actas • IV Jornadas Raianas • Sabugal • 2011

Raquel Vilaça
(coordenação)

Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história

Actas das IV Jornadas Raianas
(Sabugal, 2009)

Sabugal, 2011

Índice

- 5 *Nota introdutória.* António dos Santos Robalo
- 7 *Preâmbulo.* Raquel Vilaça
- 9 *Estátuas-menires antropomórficas da Região de Évora. Novos testemunhos e problemáticas.* Mário Varela Gomes
- 35 *Identidades y estelas en el calcolítico peninsular. Memorias funerarias en la cuenca del Tajo.* Primitiva Bueno Ramirez, Rosa Barroso Bermejo, Rodrigo de Balbín Behrmann
- 61 *Iconografía, lugares y relaciones sociales: Reflexiones en torno a las estelas y estatuas-menhir atribuidas a la Edad del Bronce en la Península Ibérica.* Marta Díaz-Guardamino
- 87 *A estela antropomórfica de Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e "colares".* João Luís Cardoso
- 115 *As estátuas-menires da serra da Nave (Moimenta da Beira, Viseu) no contexto da ocupação pré-histórica do Alto Paiva e da Beira Alta.* Domingos J. Cruz, André Tomás Santos
- 141 *As estelas antropomórficas de Picote – Miranda do Douro (Trás-os-Montes).* Maria de Jesus Sanches
- 173 *Novos métodos de registo digital de arte rupestre: digitalização tridimensional e fotografia multiespectral.* Hugo Pires, Paulo Lima, L. Bravo Pereira
- 185 *Memoriais de pedra, símbolos de Identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real).* Lara Bacelar Alves e Mário Reis

- 215 *A estatua menhir do Tameirón no contexto dos resultados do proxecto de intervención arqueolóxica no Monte Urdiñeira e o seu contorno (A Gudiña- Riós, Ourense).* Beatriz Comendador Rey, Víctor Rodríguez Muñiz, Alejandro Manteiga Brea
- 243 *Mobilidade e materialidade: uma aproximação à análise da localização das estátuas-menir transfronteiriças (Norte de Portugal e Sul da Galiza).* Pastor Fábrega-Álvarez, João Fonte, Francisco J. González García
- 269 *Nuevos hallazgos sobre viejas ideas. Una reflexión sobre las representaciones "atípicas" en las estelas del Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica.* Eduardo Galán
- 293 *As estelas de "Pedra da Atalaia" (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueolóxico.* Raquel Vilaça, André Tomás Santos, Sofia de Melo Gomes
- 319 *As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal).* André Tomás Santos, Raquel Vilaça, João Nuno Marques
- 343 *Nova peça insculturada da região raiana do Sabugal (Beira Interior, Portugal): uma primeira abordagem.* Raquel Vilaça, Marcos Osório, André Tomás Santos
- 369 *La estela decorada del Puerto de Honduras (Cabezuela del Valle, Cáceres).* Primitivo Sanabria Marcos
- 389 *Las estelas grabadas de La Bienvenida-Sisapo (Ciudad Real, España): nuevas aportaciones para la caracterización del contexto cultural del Bronce Final en el reborde suroccidental de la Meseta.* Mar Zarzalejos Prieto, Germán Esteban Borrajo, Patricia Hevia Gómez
- 417 *Nuevas metodologías para la distribución espacial de las estelas del Oeste peninsular.* Sebastián Celestino Pérez, José Ángel Salgado Carmona

As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)

André Tomás Santos¹, Raquel Vilaça², João Nuno Marques³

Resumo

Os autores estudam e discutem as problemáticas suscitadas pelo achado recente de uma segunda estela no sítio do Baraçal, concelho do Sabugal, atribuível a finais da Idade do Bronze, tal como a primeira, conhecida desde 1984.

Estas duas peças partilham iconografia afim, concretamente a tríade escudo-espada-lança, embora executada com técnica distinta. A figuração de outros elementos, como um espelho, na estela ora estudada, coloca novos problemas, discutindo-se o estabelecimento rígido ou formatado de zonas de distribuição das estelas com base na presença/ausência de determinados elementos.

São tidas em conta as circunstâncias de achado das peças, técnica, iconografia e simbologia. Estabelecem-se alguns paralelos pela sua pertinência e tecem-se ainda considerações sobre os significados dos elementos representados, quer na perspectiva da “entidade” evocada pelas estelas, quer na do “observador”. A valorização de ambas as estelas insere-se no enquadramento geográfico e arqueológico numa perspectiva de arqueologia do povoamento.

Palavras-chave: Bronze Final, Beira Interior, Baraçal, Estelas.

Abstract

The authors will present the study and argue the problematics that have risen from the recent discovery of a second stela in Baraçal, country of Sabugal. Both stelae are attributed to the end of the Bronze Age.

These two pieces share the same iconography, more particularly the three elements shield-sword-spear, though render with a different technique. The presence of other elements, more specifically a mirror, in the latest discovery, places new questions, which lead to the discussion about the importance of establishing rigid and formatted areas of stela distribution based on the presence/absence of particular elements.

The circumstances of these findings, techniques, iconographies and symbolism are taken into account. By their pertinence some parallels are established as well as some considerations about the significance of the elements represented, both in the perspective of the “identity” evoked by the stela as well as the “observer”. The assessment of both stelae is inserted in a geographic and archaeological perspective of settlement distribution.

Keywords: Late Bronze Age, Beira Interior, Baraçal, Stelae.

1 Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. a.t.santos@sapo.pt

2 Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Arqueologia e Artes da Universidade de Coimbra. CEACUP (FCT). rvilaca@fl.uc.pt

3 Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta. jnmarques@palimpsesto.pt

Introdução

Não é a primeira vez que a região do Sabugal é referida no meio científico arqueológico a propósito do achado de estelas da Idade do Bronze. Na década de oitenta do século passado, Fernando Curado publicou duas delas — as estelas de Baraçal e de Fóios (Curado, 1984; 1986), cuja importância foi desde logo sublinhada e depois reiterada e ampliada, quer em sínteses temáticas sobre estelas (v.g. Martín Mompean, 1992; Galán Domingo, 1993; Alarcão, 2001; Celestino Pérez, 2001; Harrison, 2004), quer em trabalhos globalizantes sobre a arqueologia do povoamento da região (Vilaça, 1995; 2008, entre outros). Por outro lado, e embora proveniente de fora dos limites administrativos do concelho, importa referir o achado da estela de Meimão (Penamacor), a primeira de todas elas dada a conhecer (Rodrigues, 1958) e que se insere na mesmíssima problemática daquelas. O mesmo sucede com a de San Martín de Trevejo (Cáceres), neste caso, oriunda de território espanhol, embora de sítio localizado a escassos 11 km da linha de fronteira (García de Figuerola, 1982).

Já durante as *Jornadas* a que estas actas respeitam foram apresentadas outras estelas — Aldeia Velha (Sabugal) (Vilaça, Osório e Santos, neste volume), Atalaia 1 (Celorico da Beira) (Vilaça, Santos e Gomes, neste volume) e Puerto de Honduras (Cáceres) (Sanabria Marcos, neste volume) — que evidenciam as interessantes características desta região do Centro Interior ocidental da Península Ibérica durante os finais da Idade do Bronze. E a posterior divulgação da estela de Robleda (Salamanca) (Martín Benito, 2009), com características semelhantes, reforça a excepcionalidade de uma região que, há três mil anos, se pautava (ainda) por estreitas afinidades culturais.

Com este texto pretendemos apresentar o estudo de uma nova estela do concelho do Sabugal encontrada muito próximo do local de achado da referida estela do Baraçal, motivo pelo qual a designamos por “Baraçal 2” para a distinguirmos daquela que, doravante, deverá ser identificada por “Baraçal 1”. Do achado desta segunda estela logo se fez eco a imprensa (*Público*, 11/12/2006, p. 47; *Jornal do Fundão*, 14/2/2006) e, posteriormente, aquando do estudo da peça por parte da equipa⁴ (*Cinco Quinas*, n.º 76, Julho/2007, p. 18), tendo também sido referida a propósito do povoamento proto-histórico do concelho do Sabugal (Vilaça, 2008: 46-48).

Metodologia de registo

O estudo da efectuou-se após a limpeza da peça, efectuou-se o respectivo decalque sobre plástico de cristal transparente pouco espesso. Utilizaram-se canetas de tinta permanente vermelhas, negras e azuis, de várias espessuras; com a primeira das cores registaram-se os limites das faces historiadas (ponta M) e as fracturas, fissuras e outros acidentes naturais das peças (ponta F); as gravuras foram decalca-

4 Da equipa fez parte, para além dos signatários, Rui Filipe Gomes Baptista, aluno do 1.º ciclo de Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

das a negro com canetas de ponta M ou F, consoante o nível de pormenor exigido pelos sulcos; o azul foi utilizado para representar os picotados mais recentes.

O decalque foi feito com recurso a luz rasante provinda de holofote fotográfico de 1000 wats. Este foi rodando em torno da peça de forma a garantir que todos os sulcos e picotados seriam registados. Como é sabido, para uma boa visualização das evidências gráficas, a luz deve incidir a partir de uma direcção perpendicular à orientação dos sulcos.

A este trabalho seguiu-se o desenho das secções da peça à escala 1:20, em papel milimétrico. Os eixos ortogonais a partir dos quais se procedeu ao registo daquelas foram assinalados no plástico, de forma a garantir a integração de ambos os desenhos após a redução dos mesmos. A sua redução desenvolveu-se da seguinte forma: digitalização do plástico à escala 1:2 em *plotter* apropriada; tintagem por método informático com recurso ao programa *Adobe Illustrator*; posterior redução à escala 1:20 e integração das secções. Na tintagem, os limites das faces e gravuras foram representados a negro; o limite apresenta, à escala 1:2, a espessura de 1,5 pontos; a espessura do desenho das gravuras é coincidente com a das gravuras em si; as fissuras e lascamentos naturais foram delimitados a linha ponteada cinzenta de 0,5 pontos de espessura (à escala 1:2).

Localização e condições de achado

A identificação da estela de Baraçal 2 remonta a Maio de 2006, altura em que decorriam obras de reabilitação num imóvel sito na rua do Cimo do Povo, em pleno núcleo edificado, na zona mais antiga da aldeia do Baraçal.

O monólito, dada a sua configuração e afeiçoamento, estava a servir de banco⁵ no pátio externo de uma moradia, com a face historiada da Idade do Bronze virada para baixo. Foi só ao retirá-lo do local que o proprietário, Sr. Luís Carlos Lages⁶, se deu conta da potencial importância do achado, contactando de imediato o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal. Deslocando-se ao Baraçal, o Dr. Marcos Osório, arqueólogo municipal, confirmou que se tratava de uma estela do Bronze Final, entrando depois em contacto com os ora autores⁷.

Desconhece-se por completo o primitivo lugar de origem da estela, bem como as circunstâncias em que foi colocada naquele sítio. Os familiares mais idosos dos proprietários recordam-se de verem a pedra sempre aí, tendo também servido outrora para amassar o linho e bater a roupa. Estima-se que a casa terá uns 150 anos e a memória é a de que, então, a pedra usada na construção das casas da aldeia vi-

5 Tal como, por exemplo, a de El Carneril, Trujillo (Cáceres).

6 Queremos deixar o nosso reconhecimento público à Sr.ª D. Amélia Lages e ao Sr. Luís Carlos Lages, proprietários do imóvel onde a peça apareceu, por todo o apoio dispensado e hospitalidade durante os trabalhos desenvolvidos.

7 Expressamos o nosso agradecimento ao Dr. Marcos Osório, quer pela informação do achado da estela, quer por todo o apoio e colaboração prestados durante a fase de estudo da mesma.

nha da zona de Vilares, ligeiramente a nordeste do Baraçal, na encosta sobranceira ao Ribeiro do Moinho Fernandes.

A povoação do Baraçal situa-se, em linha recta, a pouco mais de 4 km para norte do Sabugal, com acesso pela estrada municipal 563. Administrativamente, é sede de freguesia do concelho do Sabugal, distrito da Guarda. O local de achado é assinalado na Carta Militar de Portugal, folha n.º 215 (1:25.000) com as coordenadas UTM 29 TPE 661,88/4473,54, a 820 metros de altitude.

A aldeia fica no limite superior da cabeceira de linhas de água que alimentam o vale do Ribeiro do Moinho Fernandes, afluente que corre para a margem esquerda do rio Côa, a cerca de 3 km para leste. Aquelas nascem a 860 m de altitude, formando um vale orientado a Este/Oeste, na base do qual foi identificada em 1978 a estela de Baraçal 1, a menos de 2 km para nascente do local da de Baraçal 2 (Estampa 1).

À cota do ponto de descoberta da estela de Baraçal 2, em terrenos de alguma pendente, o alcance visual não é muito significativo; contudo, mais a sul, a cerca de 500 m, existem alguns relevos, a 870/880 m de altitude, de onde se obtém um excelente controlo da paisagem circundante, próxima e mais distante, e que constituem excelentes referências paisagísticas (Estampa 2). A sudeste avistam-se a Serra do Homem de Pedra e a Serra da Gata. A norte encontram-se o planalto da Guarda, o Jarmelo e, mais além, a Marofa. Mais para Poente ergue-se, imponente e isolado, o Cabeço das Fráguas. Para sul dominam as elevações da Malcata. Bem visíveis são ainda os cabeços de Vila do Touro e de Caria Talaia, ambos com ocupação da Idade do Bronze (Estampa 1).

A região integra-se no planalto da Guarda/Sabugal, próximo do vale do rio Côa, que aqui ainda não é um vale pronunciado e fechado como se verifica mais para jusante, mas bastante amplo e aberto. Trata-se de uma área menos suave orograficamente do que a oriente do Côa, havendo uma menor monotonia na fisionomia da paisagem, dado que a superfície é sulcada por diversas linhas de água, recortando alguns cabeços suaves e pouco elevados, revestidos de abundantes e disformes afloramentos rochosos, dando um aspecto desolador à paisagem.

O substrato geológico da região corresponde a um granito monzonítico, de duas micas, predominantemente biotítico. Relativamente à textura, é de relevar que a aldeia do Baraçal encontra-se sobre um soco de granito porfiróide de grão médio a fino (Teixeira *et alii*, 1962: 13-14). Contudo, imediatamente para nordeste, na zona de Vilares, o soco granítico já corresponde a um granito não porfiróide de grão médio (Teixeira *et alii*, 1962: 15). Este facto é de extrema importância porquanto, como veremos seguidamente, a peça pode ter sido recolhida na zona de Vilares, mas se atendermos às características geológicas da mesma, a potencial “pedreira pré-histórica” localizar-se-ia mais perto do Baraçal.

Análise técnica e morfológica

Os trabalhos de limpeza e registo arqueológico da estela de Baraçal 2 decor-

reram em Julho de 2007, em casa dos proprietários⁸. Por uma questão de protecção, a peça tinha sido transportada para o interior da casa, pelo que o estudo foi efectuado com luz artificial.

Formalmente, trata-se de uma estela (Estampa 3). É de granito de grão fino de cor acinzentada. Apresenta configuração subtriangular, secção longitudinal poligonal e secções transversais entre o trapezoidal e o sub-rectangular. A base foi facetada no sentido de se obter uma forma *grosso modo* triangular e pontiaguda que facilitasse a implantação vertical no solo. Praticamente completa, apresenta 1,90 m de altura máxima, atingindo a largura de 64 cm na parte mais larga; a espessura é bastante regular, andando em torno dos 24 cm.

O campo gravado da peça foi previamente alisado, consistindo o repertório do anverso, de cima para baixo, no seguinte conjunto: um motivo de interpretação desconhecida, uma lança, um escudo, uma espada e um espelho.

O primeiro é definido por um sulco recto vertical formando ângulo recto com um outro horizontal, que se prolonga cerca de 0,6 cm para além do limite daquele. Este é interrompido à esquerda enquanto o anterior o é no topo, situações ambas que se devem à fractura da extremidade distal da estela.

A lança, com o comprimento de 48,30 cm, dispõe-se na horizontal, sendo apenas definida pela haste comprida e pela lâmina triangular situada à direita; aparentemente, a base desta última nunca foi representada (Estampa 4). A picotagem posterior a que a peça esteve sujeita não permite averiguar se o sulco que define o cabo da arma se prolonga para o interior da lâmina passando a representar também a nervura central da mesma.

O escudo (Estampa 5) ocupa o lugar central e é representado por quatro círculos concêntricos, apresentando os três mais exteriores uma escotadura à esquerda; o seu diâmetro máximo é de 52 cm. A abraçadeira é representada por um rectângulo de cantos arredondados, cujo eixo forma um ténue ângulo agudo com o definido pela orientação das escotaduras. Não foram representados os cravos.

A espada, com 53,30 de comprimento, apresenta-se, tal como a lança, na horizontal, mas orientada em sentido contrário (Estampa 6). Possui uma lâmina aparentemente pistiliforme, sendo encimada por punho acampanulado com dois apêndices suavemente excêntricos.

O espelho (Estampa 6), também disposto horizontalmente, define-se por forma subcircular com 9,8 cm de diâmetro máximo, sendo o cabo representado por dois círculos menores, perfazendo o comprimento de 9 cm.

Tecnicamente, todo o conjunto foi conseguido por picotagem indirecta com utensílio lítico de ponta romba (Estampa 7). O escudo terá sido também abrasado, como é particularmente visível no seu sector inferior. Tanto a abraçadeira des-

⁸ A estela esteve temporariamente exposta no Museu Municipal do Sabugal durante a realização das *Jornadas*, mas os proprietários entenderam levá-la de novo para casa, onde actualmente se encontra.

te como o punho da espada foram ainda intensamente polidos. No primeiro caso, de tal processo resultou o alargamento dos sulcos e o acentuar da curvatura dos cantos; no segundo, para além do alargamento dos sulcos, obteve-se igualmente o reforço do estrangulamento junto dos copos. Os sulcos apresentam negativos de contorno subcircular, tendo sido regularizados posteriormente.

Posteriormente, num momento em que, a avaliar pela inclinação dos impactos, a estela se encontrava já na horizontal, o sector mesial esquerdo da mesma foi intensamente picotado com utensílio de ponta romba (Estampas 5 e 7). É possível que tal pudesse ter resultado do uso da estela como base para bater o linho, conforme informação que colhemos (vide supra).

No verso da peça (Estampa 7) foi identificada uma forma sub-rectangular definida por sulco com cerca de 2 cm de largura e 1 cm de profundidade, já conseguido mediante picotagem com utensílio de ferro. Esta forma tem como dimensões exteriores 56 cm de comprimento e 42 cm de largura. Na extremidade direita foi gravado um canal que junto ao rectângulo anteriormente referido apresenta uma forma subtriangular.

Iconografia e análise comparativa

A composição gráfica desta estela remete-nos para as designadas “estelas básicas”, características da Zona I definida por Sebastián Celestino, ou seja, da região da Serra de Gata (Celestino Pérez, 2001: 48-50; 92). Ainda que não seja correcto, de um ponto de vista estritamente orográfico, integrar o local de proveniência da estela de Baraçal 2 naquelas montanhas da Cordilheira Central, que se prolongam em território português pela Malcata, Estrela e Gardunha, e nem sequer nos seus contrafortes ou relevos adjacentes⁹, é certo que nos encontramos numa mesma região num sentido geográfico mais amplo. Por conseguinte, esta nova estela vem reforçar o número das que se definem pela presença da trilogia escudo-espada-lança características daquela região mas também presentes nas Zonas, II, III e IV, respectivamente Vale do Tejo-Serra de Montánchez, Vales do Guadalquivir-Zújar e Vale do Guadalquivir, definidas pelo mesmo investigador (Celestino Pérez, 2001: 48-57).

A distribuição relativa desses elementos em Baraçal 2 confirma os rígidos preceitos normativos que conferem a posição central ao escudo — neste caso com escotaduras à esquerda contrariamente às da de Baraçal 1 —, encimado pela lança e, na parte de baixo, a espada, com orientação em sentido contrário à daquela.

Em quase todos os exemplares conhecidos verifica-se esta discordância de orientação nas duas armas ofensivas¹⁰, o que, em termos conceptuais, poderá ser

⁹ A Serra da Malcata corresponde a um dos relevos residuais existentes neste sector da Meseta Ibérica. O contacto entre esta e aquela é complexo e não cabe nos limites deste texto a sua explicitação. Remetemos assim o leitor mais interessado para Ferreira, 1978: 54-55.

¹⁰ Com algumas excepções em Solana de Cabañas, Torrejón el Rubio III e IV, Meimão, Córdoba II e, aparentemente Três Arroyos. Se contarmos também com as estelas em que as espadas são representadas à cintura do antropomorfo, há ainda a referir Zarza Capilla I, Figueira e Navalvillar de Pela.

entendido como forma de assinalar a omnipresença, a partir de um único centro definido pela principal arma defensiva¹¹ — o escudo —, de dois campos opostos e divergentes ditados pela função ameaçadora e intimidatória da orientação das armas.

Neste sentido, não nos parece que seja de relevar a falta de uniformidade na orientação das espadas e lanças entre as várias estelas, mas sim a quase sistemática divergência na respectiva orientação em cada uma delas. Assim, e circunscrevendo-nos aos exemplares mais próximos, Baraçal 2 aproxima-se, na composição das armas, das estelas de Trujillo (Harrison C15)¹² e Ibahernando (Harrison C16), com lança orientada à direita e espada à esquerda, contra as de Baraçal 1, Fóios, San Martín de Trevejo, ou Santa Ana de Trujillo, com a lança virada à esquerda e espada à direita (Harrison, respectivamente C4, 5, 1, 17).

Talvez seja de relevar também a elevada percentagem de vezes em que, tal como ocorre no exemplar em análise, a lança se orienta no mesmo sentido da escotadura. Na verdade, sempre que são observáveis estes dois elementos — lança e escotaduras —, são poucos os casos em que tal relação não se verifica: apenas Solana de Cabañas, Torrejón el Rubio IV, Zarza Capilla I, Figueira, Cuatro Casas, Quintana de la Serena, Benquerencia de la Serena, Cabeza del Buey I e III e Magacela (Harrison, respectivamente C22, 9, 44, 87, 70, 50, 47, 32, 34 e 48). Poderá isto ter que ver com a funcionalidade da própria escotadura, admitindo-se que seria utilizada como apoio da lança?

O escudo (Estampas 3 e 5), com abraçadeira rectangular no eixo dos entalhes, e portanto representado pelo reverso, inscreve-se no mesmo modelo dos que encontramos nas estelas da Zona I. Mas neste particular, vale a pena sublinhar que não se regista uniformidade no geral das estelas, já que os escudos podem ser representados pelo reverso e pelo anverso, neste caso nos exemplares de Torrejón el Rubio III, Aldea Nueva de San Bartolomé, Navalvillar de Pela, Zarza Capilla I, Valdeterres II, El Viso III, Olivenza, Cuatro Casas, Toya, Ategua, Almargen, Figueira, Fuente de Cantos, Ervidel II, Luna e, além Pirenéus, Substantion e Buoux I e II (Harrison, respectivamente C8, 28, 37, 44, 52, 56, 65, 70, 69, 80, 84, 87, 85, 89, 93, 90, 91 e 92).

Também no designado “Ciclo Artístico do Vale do Tejo”, que se inscreve na referida Zona II, encontramos a representação de armas (Gomes, 1987). A grafia do escudo da Rocha 29 do Cachão do Algarve, com escotaduras em V mas sem abraçadeira, parece ter sido representado igualmente pelo anverso. Mais recentemente foi publicada fotografia de um painel historiado de Arroyo Tamujoso (Extremadura)¹³,

11 Como é também admitido por diversos investigadores, o escudo pode igualmente aludir à simbologia solar.

12 Por ser o catálogo mais recente e disponível no momento em que redigimos este texto, utilizamos a seriação elaborada por Harrison, 2004.

13 Não é clara a adscrição administrativa do sítio. Localiza-se em Higuera la Real ou em Valencia del Mombuey, ambos “términos” municipais pertencentes à província de Badajoz (Collado, 2008: 322).

onde se observam dois escudos picotados com escotaduras em V (Collado, 2008: 321 e fig. 44). Infelizmente, a foto não é clara, contudo parece-nos que também aí não se encontra representada a abraçadeira, tendo sido esta substituída por covinhas, o que faria deste painel outro exemplo com representações do anverso dos escudos.

Da distinta representação dos escudos, é legítimo deduzir que se terão oposto duas soluções conceptuais distintas: a do que olha e a do que “utiliza”. Terá havido razões específicas para apresentar os escudos ora na visão do próprio, que se protege, ora na perspectiva do outro, que afronta? E tendo existido, será lícito articulá-las em função do quê?

O acentuado esquematismo com que a ponta de lança (Estampas 3 e 4) foi representada, reduzida a duas linhas convergentes, lembrando mais uma ponta de seta, inibe-nos de qualquer tentativa de identificação tipológica e, conseqüentemente de valorização cronológica. Não é comum este tipo de representação, que se repete apenas, assim o cremos, na ponta de lança da estela de Almargem (Harrison C84), da região de Málaga, já bastante periférica geograficamente em relação aos principais núcleos.

Quanto à espada (Estampas 3 e 6), possui lâmina larga, separada do punho por uma linha. Trata-se de um tipo de representação comum nas demais espadas das estelas das Zonas I e II. Mas pela primeira vez aparece na Zona I uma espada com dois pequenos apêndices no punho. O problema de uma atribuição tipológica muito específica deve também ser considerado, embora não coloque tantas limitações como a lança. Mas talvez outras de distinta natureza: as espadas seriam sempre representadas sem bainha? Sabe-se bem que nem sempre assim é, pois basta-nos recordar exemplares mais arcaicos, como os de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo) e Mouricos (Almodôvar), por exemplo, onde aquela é explicitamente representada (Vilaça *et alii*, 2001: 74 e Est. III-2; Gomes, 1994: 117). As bainhas não reproduzem a forma das lâminas e os punhos são também normalmente esquemáticos, já que o objectivo não era a reprodução pormenorizada dos artefactos, nem sequer uma obstinada e fiel representação.

Assim sendo, ao realismo com que as armas são representadas, permitindo uma imediata identificação, há que reconhecer igualmente o acentuado esquematismo e simplismo das mesmas, portanto, factores bastante limitativos para uma atribuição tipo-cronológica muito específica, postura prudente partilhada por diversos investigadores (v.g. Galán, 2000: 1790). Por outro lado, lembramos nós ainda que, como já foi sublinhado (Vilaça, 1995: 33), utilizar no estabelecimento de cronologias finas elementos que pelo seu valor idiossincrático, como as espadas, são mais susceptíveis de uma “vida longa”, podendo ter passado de mão em mão, isto é, com uma biografia que lhes acrescentaria prestígio, é sempre um procedimento arriscado. Nestes casos, a convivência de tipos mais arcaicos com outros mais recentes poderia ter ocorrido.

Mas Baraçal 2 não é, de facto, uma estela básica já que possui ainda, para além da figura no topo da estela, que não sabemos interpretar, a representação de um espelho (Estampa 3 e 6). A sua localização na parte inferior da estela, sob a espada, não é muito frequente, embora se repita na estela de Pedra da Atalaia 1 (Vilaça, Santos e Gomes, neste volume). Trata-se, explicitamente, de um exemplar com pega galonada, tipo que apenas tinha aparecido nas estelas das Zonas III (Vale do Guadiana/Zújar) e IV (Vale do Guadalquivir) (Celestino Pérez, 2001: 163-166).

Até ao momento, a presença de espelhos na Zona I circunscrevia-se à estela de San Martín de Trevejo, o que constituía argumento de peso na defesa de uma maior antiguidade das estelas básicas, visto que se trata, como tem sido admitido, de elemento de origem oriental e tardio divulgado no âmbito das trocas Oriente/Ocidente de inícios do I milénio a. C. Assim, as estelas mais meridionais e supostamente mais tardias eram as que possuíam representações de espelhos, para além de outros elementos de prestígio também tidos de origem mediterrânea.

Esta visão de uma evolução geográfica e cronológica das estelas, de norte para sul e das mais simples, só com armas, para as complexas, com vários elementos e figuração humana, foi questionada e devidamente fundamentada por alguns investigadores considerando pertinente outra argumentação e motivações de cariz ideológico — variabilidade social e de *status* — para explicar a falta de regularidade iconográfica das estelas (Barceló, 1992: 269; Alarcão, 2001: 325-333; Galán, 2008).

Sem pretendermos neste momento avaliar a argumentação das duas propostas, a situação presentemente conhecida exige alguma ponderação na ideia de que as estelas da Zona I se caracterizam quase exclusivamente pela presença das armas. Passa-se exactamente o contrário.

Efectivamente, já na de Fóios, aliás incompleta, tinha sido identificada a possível representação de uma fíbula (Curado, 1986: 106) e a presença de espelhos tornou-se agora muito mais expressiva: à de San Martín de Trevejo, juntam-se as de Baraçal 2, a de Pedra da Atalaia 1 (Vilaça, Santos e Gomes, neste volume), a de Puerto de Honduras (Sanabria Marcos, neste volume) e a de Robleda (Martín Benito, 2009). Em Baraçal 2 devemos mesmo contar com um quinto elemento (o motivo não identificado gravado no topo da estela) (Estampa 3). Portanto, estelas com um quarto ou quinto elementos passaram a ser comuns na Zona I. Aliás, na de San Martín haveria também, de acordo com o autor, um quinto elemento “com forma de E”, talvez pente ou fíbula, que ocupava a parte que se fragmentou quando a estela foi removida do terreno (García de Figuerola, 1982: 174-175). E, quanto às de Meimão (Harrison C3) e de Hernán Pérez (Harrison C2), porque muito incompletas, não podemos, com rigor, considerá-las básicas, pois ignoramos o que está em falta. Particularmente no caso da de Meimão, com uma composição cénica conservada pouco ortodoxa nas estelas básicas (lança e espada juntas), deixamos em aberto a franca possibilidade de nela terem figurado outros elementos.

Por outro lado, também já não é possível estabelecer uma evolução tipológica dos espelhos em função das zonas geográficas (Celestino Pérez, 2001: 165),

visto que se reúnem na Zona I os de pega simples (San Martín de Trevejo, Robleda e Pedra da Atalaia 1) e os de pega vazada e com borlas (Puerto de Honduras e Baraçal 2, respectivamente).

A questão dos espelhos, cujos protótipos mais próximos se encontram na Sardenha, é sempre delicada, desde logo ao nível da sua versão material. De elevada fragilidade, é possível que pequenos e finos fragmentos de placas de bronze possam ter pertencido a espelhos, mas o certo é que os primeiros exemplares peninsulares conhecidos datam já de inícios da Idade do Ferro. Todavia, tendo chegado do Mediterrâneo diversos elementos, designadamente fíbulas, pentes e pinças, não se afiguram muito explícitos os motivos para os espelhos não os terem acompanhado. Eventuais provas de um fabrico indígena de espelhos com pega de borlas chegaram-nos através do molde recolhido à superfície no povoado da Azenha da Misericórdia (Serpa), cuja interpretação merece concordância de distintos investigadores, mas tanto poderá ser do Bronze Final como da Idade do Ferro (Vilaça, 2007: 149-151).

Os espelhos envolvem ainda outros problemas relacionados com a(s) sua(s) simbologia(s). A uma origem oriental com propriedades mágicas e funerárias, ou fundamentalmente mágicas (Vazquez Hoys, 1984: 23), defendeu-se recentemente que o uso estritamente feminino deste tipo de objecto seria incompatível com o carácter viril dos guerreiros das estelas (Warmenbol, 2007: 389). Esta posição, com outros argumentos adicionais, levou à erradicação daqueles, passando as figuras até então tidas como espelhos a serem interpretadas, na íntegra, como lâminas de barbear¹⁴.

Finalmente, e no que respeita ainda às duas estelas de Baraçal, diríamos que, pelos elementos representados e numa perspectiva estritamente evolucionista, Baraçal 2 seria (será?) posterior a Baraçal 1 pela presença do espelho, elemento considerado tardio, já de inícios do I milénio a.C., ainda que figure junto a uma espada de tipologia mais arcaica. Mas a sua ausência em Baraçal 1 não tem de ter uma leitura exclusivamente tipológica e cronológica, sendo também admissíveis razões de índole cultural e/ou ritual. Seja como for, do nosso ponto de vista, o que deverá ser sublinhado é a existência de duas estelas — independentemente da primazia de feitura de uma em relação à outra — que terão “funcionado” conjuntamente durante um determinado lapso de tempo, exprimindo mensagens potencialmente idênticas (ou próximas) e conferindo ao(s) espaço(s) que ocuparam um sentido particular no quadro do povoamento regional de finais da Idade do Bronze.

De resto, se entendêssemos pertinente insistir na questão de uma cronologia muito precisa, mais do que a presença/ausência de certos elementos, seria de valorizar a técnica utilizada para os representar. No grupo das “estelas de guerreiro” peninsulares, e não obstante o crescendo dos achados durante a última década, Baraçal 1 mantém a exclusividade, assim o cremos, no uso do relevo (Estampa 8)

14 Veja-se discussão sobre o assunto em Vilaça, 2009.

como técnica de representação dos motivos (não a gravação), conforme vários autores têm sublinhado, desde logo o responsável pela sua divulgação (Curado, 1984: 84). Como é sabido e tem sido igualmente sublinhado na bibliografia especializada, a utilização do relevo é indicador de arcaísmo, uma vez que é essa a técnica utilizada nos exemplares de “tipo alentejano”, datáveis do Bronze Médio, ou mesmo anterior, atendendo a alguns dos tipos de armas representados (Aubet e Serna, 1981: 245-246, entre outros).

Assim, de um ponto de vista estritamente técnico, Baraçal 1 seria das mais antigas do seu grupo e, porventura, muito próxima das últimas da série alentejana. Mas se o seu carácter exclusivo no conjunto total das estelas do Bronze Final necessita ainda de cabal explicação, mais fácil é entender o recurso a uma técnica que, sendo característica dos exemplares a seu tempo designados de “tipo I ou alentejano” (Almagro, 1966), não deixou de ser igualmente utilizada em outros testemunhos beirões globalmente coevos destes últimos, como Ataúdes, onde se conjugam a gravura e o relevo (Vilaça *et alii*, 2001: 73), ou predominantemente este, no caso da designada “estátua-menir de Corgas” (Donas, Fundão), que tivemos oportunidade de observar em visita proporcionada pelo Museu Municipal do Fundão durante a realização das *Jornadas* a que estas actas respeitam. Com este novo achado, entretanto publicado (Banha *et alii*, 2009), reforçam-se os elementos que, a pouco e pouco, não só demonstram que “não podemos falar de armamento da região” [i.e. a Beira Baixa ao longo de quase todo o II milénio a.C., ou seja, do Bronze Antigo e Médio] (Vilaça, 2000b: 173), como ajudam a entender o que ocorrerá na fase seguinte, de que as duas estelas do Baraçal são elucidativos exemplos.

Enquadramento arqueológico e valorização cultural

Como vimos, o achado da estela de Baraçal 2 ocorreu num imóvel rústico, reaproveitada como banco de quintal, o que lhe diminui, obviamente, o interesse que à partida teria caso tivesse sido encontrada em “condições primárias”. Este conceito é por nós entendido num sentido lato, que ultrapassa o de mero “achado *in situ*”, ou seja, aplicamo-lo àquelas situações em que há indicadores que oferecem alguma segurança quanto ao ambiente de origem. Por exemplo, o achado de uma estela numa linha de cumeada sem quaisquer outros indícios de ocupação humana, designadamente histórica, oferece bastas garantias de uma proveniência local ou muito próxima. Não é essa, porém, a situação presente. Ainda assim, há que valorizar o ambiente rural do achado e, principalmente, a existência da outra estela encontrada a menos de 2 km.

Jamais saberemos se algum dia as duas estelas do Baraçal estiveram implantadas a alguns metros de permeio, ou se se distanciavam a dezenas ou mesmo centenas de metros entre si. É possível, tendo em conta diversas situações congéneres de achados formando conjuntos como as quatro de Torrejón el Rubio, as três de Valencia de Alcântara, as três de Cabeza del Buey, as seis de Capilla, etc.

Sem nos afastarmos muito da região em que nos centramos, verificamos que nuns casos, até porque evidências empíricas assim o permitem, parece ser correcto associá-los a ambientes funerários com tumulações, como sucede com o conjunto de Hernán Pérez (Almagro Basch, 1972; Almagro Gorbea, 1977: 192).

Em outras circunstâncias, e na ausência de indícios mais específicos, a associação de várias estelas num mesmo lugar poderá ser entendida como definição de espaços sagrados ou rituais (mas não necessariamente funerários), desde logo porque se verifica uma das principais evidências subjacente a qualquer acto ritual: o carácter repetitivo.

Por exemplo, a situação do Monte de S. Martinho (Castelo Branco) pode ser encarada nesta linha, com os seus três monumentos definindo um possível santuário, hipótese, aliás, já preconizada por Almagro Basch (1966: 39) e que reiteradamente um de nós (R.V.) tem assumido, não obstante outros indícios arqueológicos permitirem atribuir-lhe a designação de “povoado”, o que não é absolutamente contraditório (Vilaça, 2000a: 38; 2004: 60; 2008). O próprio Tavares Proença (1905: 14) admitiu que *“de son ensemble je crois pouvoir conclure qu’ils ont été l’object d’un culte”* (sublinhado nosso). E, nesta linha, Jorge de Alarcão (2001: 333-334), numa reinterpretação da estela 1 de S. Martinho, avançou mesmo com a possível identificação de uma divindade — “Oipaingia” —, ladeada por dois adorantes¹⁵.

Num outro registo, não descartamos a hipótese de determinados conjuntos de estelas, como estas duas do Baraçal, expressarem poderes de chefias com carácter hereditário (no seio de uma mesma família em sentido alargado, por exemplo) ou mesmo a existência de lideranças duplas, conforme já foi admitido a propósito de outros testemunhos, inclusive funerários, de que a Roça do Casal do Meio (Sesimbra) constitui supremo exemplo (Vilaça, 1995: 404-405; 2000: 38; 2008; Vilaça *et alii*, 2004: 160; Vilaça e Cunha, 2005: 54-55).

E, continuando a presumir que as duas estelas do Baraçal formariam um conjunto (com outras, eventualmente?), coloca-se o problema do seu local de implantação original. Na depressão, junto a antigo caminho, a escassas dezenas de metros do Ribeiro do Moinho Fernandes, que conduz ao Côa, na zona onde foi encontrada a de Baraçal 1? Ou na vertente sobranceira onde se desenvolveu a aldeia e se encontrou a de Baraçal 2 (Estampa 1)? Ou talvez ainda a sua proveniência possa corresponder à linha de cumeada — situação que tantas vezes se verifica — que se desenvolve a sul, sobranceira à aldeia (Estampa 2), a escassas centenas de metros e de onde se percebem os povoados mais próximos e globalmente coevos das estelas, concretamente Vila do Touro e Caria Talaia (Estampa 1).

Todas estas considerações não passam de suposições, tal como o é a hipótese

15 Nas recentes considerações desenvolvidas por Tejera Gaspar *et alii*, (2006) a propósito do conjunto de estelas do Monte de S. Martinho e da possibilidade de constituir um santuário, ignoram-se todos os contributos de investigadores portugueses a esse propósito, designadamente os de Mário Varela Gomes e de Jorge de Alarcão.

de, originalmente, e como agora, não formarem conjunto algum, correspondendo antes a situações física e intencionalmente afastadas. No entanto, não podemos deixar de sublinhar que, tendo em conta a geologia do suporte das peças, que é o mesmo, e que corresponde ao soco rochoso das imediações do local de achado de Baraçal 1¹⁶, é muito provável que tenham ambas a mesma proveniência, ou, pelo menos — o que não deixa de ser bem diferente —, que tenha sido a mesma “pedreira” a fornecer as bases para os monólitos.

Num caso ou noutro, associadas ou distanciadas, estas estelas não devem ser considerados testemunhos isolados e, menos ainda, descontextualizados. E qualquer que tenha sido a sua função, ou funções específicas, Baraçal 1 e Baraçal 2 terão sido, sempre, instrumentos estratégicos integrados num mesmo sistema conceptual de percepção do espaço e de marcação de territórios por parte das comunidades que, na viragem do II para o I milénio a.C. habitaram a região.

Encontradas sensivelmente a “meio caminho” entre as estações arqueológicas de Vila do Touro e de Caria Atalaia, globalmente e em parte contemporâneas, estas estelas tanto poderão ser entendidas como marcos físicos de delimitação interterritorial (Ruiz-Gálvez Priego e Galán Domingo, 1991: 269; Galán Domingo, 1993: 41) e, por isso, elementos de constrangimento aos distintos grupos humanos, como o contrário, o da sua afirmação. Em qualquer dos casos, com motivos simbólicos gravados na pedra e, por conseguinte, perenes, as estelas revelam a “faceta memorialista das comunidades” (Vilaça, 2000a: 39) na sua relação e apropriação efectiva, mas também afectiva, do/com o espaço.

Localizadas nas periferias e fronteiras de territórios, poderiam ainda assumir, em determinados momentos, o papel de “pontos de encontro” intergrupais (Delgado Hervás, 2001: 349) ou de congregação social — o que não contraria a hipótese de “santuários” atrás formulada —, função que nem todos (a maioria) (d)os espaços habitados teriam capacidade de protagonizar. E, de facto, aqueles dois sítios, face ao que se conhece, não passariam de pequenos e modestos lugarejos, talvez pouco mais do que atalaias dependentes de outros povoados maiores, embora controlassem o metal. Ambos forneceram machados de bronze e, no caso de Caria Atalaia, recentes escavações confirmaram a ocupação do sítio na Idade do Bronze, incluindo os seus finais, com laivos culturais mesetenhos denunciados pela presença de cerâmicas de tipo Cogotas¹⁷. Como é evidente, preconizamos uma leitura obrigatoriamente paralela e articulada, ou seja, integral, destes vários marcos — estelas, metal e povoados —, como expressivos elementos de um processo dinâmico de produção social e identitária das comunidades no seu todo.

Ainda relativamente ao potencial papel das estelas enquanto marcadores de

16 De facto, Curado encontra a primeira estela nos limites do soco correspondente à natureza de ambas as peças, enquanto a zona de achado de Baraçal 2 é caracterizada por um substrato diferente.

17 Escavações da responsabilidade de Raquel Vilaça e Marcos Osório recentemente concluídas, encontrando-se em preparação a respectiva memória para publicação.

lugares de congregação de distintos grupos, queremos chamar a atenção para alguns aspectos relativos à iconografia que se constituem, em nosso entender, como importantes elementos de reflexão. Atrás referimo-nos a alguns deles: o domínio dos escudos representados pelo reverso e a orientação oposta de espada e lança.

Se estas evidências se podem prender com a “representação do utilizador” dessas armas e com a centralização do escudo, não podemos deixar de colocar outras hipóteses. Na verdade, e segundo a perspectiva do não utilizador — no caso, a comunidade que “observaria” —, um escudo invertido é também um escudo afunção; duas armas que não apontam no mesmo sentido, tanto podem querer dizer que apontam em duas direcções, como não apontar a lado nenhum. De facto, muitas vezes, a disposição dos objectos nas estelas tem mais o ar de que estes se depositavam, simplesmente. Isto é particularmente evidente, por exemplo, nos casos de Torrejon el Rubio III ou de Quintana de la Serena (respectivamente Harrison C8 e 50) onde a disposição dos objectos parece caótica, como que fruto de um arremesso ao solo. Esta ideia de representação das armas de uma forma em que aparecem como “inofensivas” é particularmente expressiva quando a figura humana está presente: a espada encontra-se quase sempre à cintura — e o “quase” encontra-se aqui devido às excepções de Los Palacios (Harrison C73), em que um dos personagens segura a espada com a mão, e de Ervidel II (Harrison C89), em que a personagem principal surge com o braço direito erguido como que atirando a lança. Nas demais¹⁸, os braços ora se encontram (inertes?) paralelos ao corpo, ora se levantam de mãos nuas ao céu, em atitude de adoração. Nada, portanto, de ofensivo.

No fundo, o que perguntamos é o seguinte: poderão as armas aparecer representadas de uma forma em que não denotem violência mas precisamente o seu inverso? Esta perspectiva fará perfeito sentido se admitirmos que este tipo de peças marcariam lugares de congregação social e intergrupar e, como tal, neutros e condicionados por uma série de regras, entre as quais se destacaria a proibição do uso da violência. Neste sentido, como interpretar a presença de outros objectos? Sinais de acolhimento, de exibição e de permuta de bens de particular valor (espelhos, lâminas de barbear, pinças, pentes, fíbulas, ponderais)? Incluindo também a permuta de mulheres (Ruiz-Gálvez e Galán Domingo, 1991: 270; Galán Domingo, neste volume)? Evidências de outras actividades aí realizadas (carros, instrumentos musicais)? Não deixa de ser curioso que deposições de armas, higiene, rituais do corpo, música e banquetes (estes sem sinais evidentes nas estelas, como bem observou Harrison, 2004: 62-63) são temas recorrentes em momentos de paz na *Ilíada* de Homero, cujas fontes mais antigas parecem recuar ao Bronze Final (Lourenço, 2005: 7).

Enfim, eis algumas reflexões proporcionadas pelo achado casual de mais uma estela que, conjuntamente com outras e em estreita leitura com os núcleos de po-

18 A este propósito não enquadrámos nem a estela II de S. Martinho (Harrison C30), em que a arma (arco) se insere numa cena de caça, nem a de Gomes Aires (Harrison C88), que consideramos de cronologia já sidérica.

voamento coevos, i.e., na sua relação com povoados e achados metálicos, ajudam a configurar uma paisagem social simbolicamente marcada por elementos de forte impacto cultural, seja na versão intimidatória das armas, seja na distintiva, que objectos até então desconhecidos — os de âmbito mediterrâneo — proporcionariam.

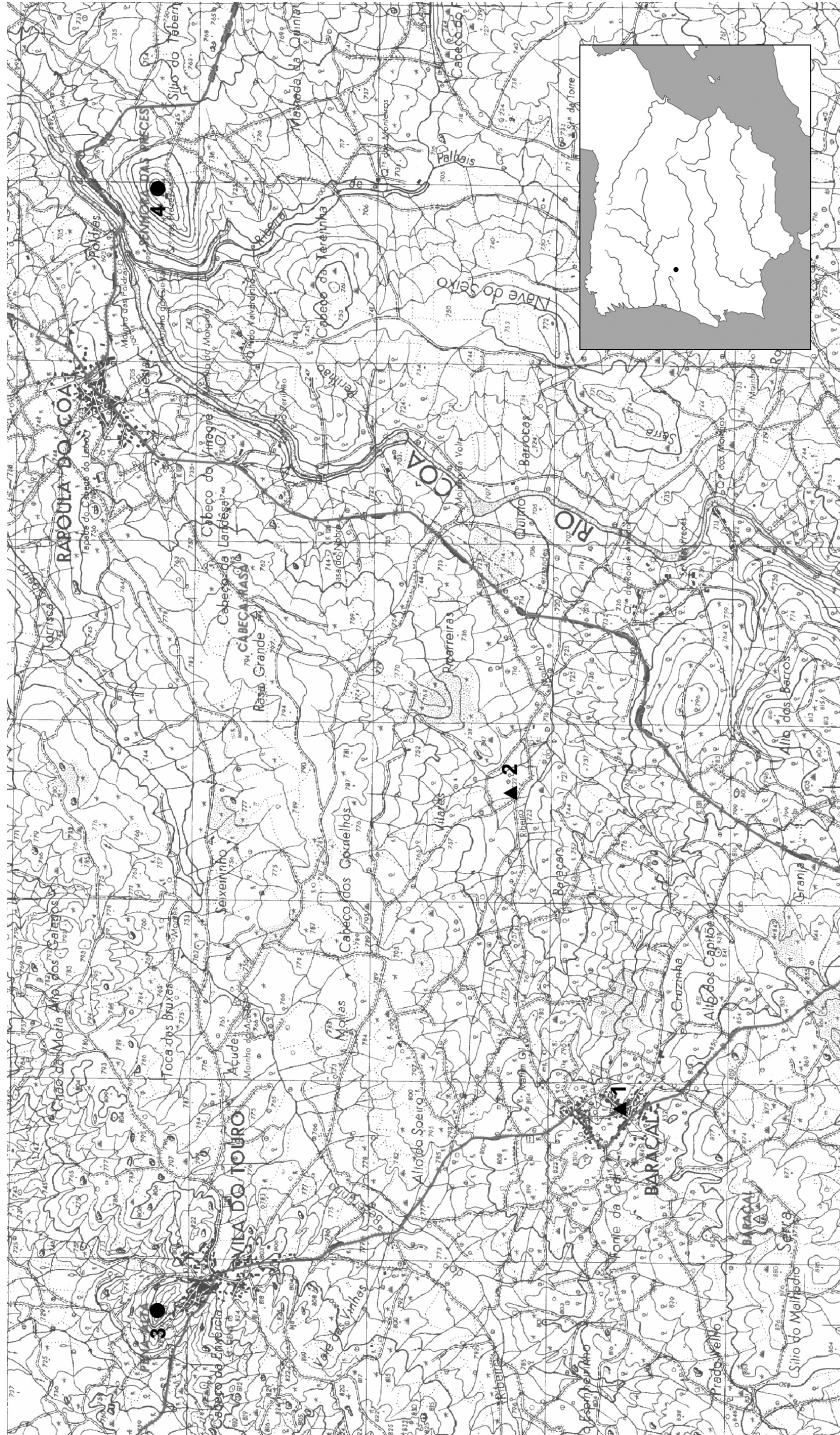
Por outro lado, esta estela e outras recém-encontradas na região da Guarda/Sabugal-Salamanca/Cáceres, onde a presença recorrente de um desses elementos orientais — o espelho — condicionará a criação de novas tipologias (Celestino Pérez e Salgado Carmona, neste volume) e a própria reelaboração do conceito de “estela básica” como caracterizador da “Zona I”, conferem, definitivamente, a esta região um papel crucial na compreensão do fenómeno a que este volume diz respeito.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. (2001) — Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), p. 293-349.
- ALMAGRO BASCH, M. (1966) — *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Madrid, Biblioteca Praehistorica Hispana VIII.
- ALMAGRO BASCH, M. (1972) — Los ídolos y da estela decorada de Hernan Perez (Cáceres) y el ídolo estela de Tabuyo del Monte (Leon), *Trabajos de Prehistoria*, 29, p. 83-112.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1977) — *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*, Madrid, Biblioteca Praehistorica Hispana, vol. XIV.
- AUBET, M. E. e SERNA, M. R. (1981) — Una sepultura de la Edad del Bronce en Setefilla (Sevilla), *Trabajos de Prehistoria*, 39, p. 225-251.
- BANHA, C.; VEIGA, A. M. e FERRO, S. (2009) — A estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributo para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior, *Açafa* (on-line), n.º 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, p. 2-16 [www.altotejo.org].
- BARCELÓ, J. A. (1992) — Una interpretación socioeconómica del Bronce Final en el Sudoeste de la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 49, p. 259-275.
- CELESTINO PÉREZ, S. (2001) — *Estelas de guerrero y estelas diademadas*, Barcelona, Ediciones Bellaterra.
- COLLADO GIRALDO, H. (2008) — Arte rupestre prehistórico en Extremadura: 1997-2006. In Balbín Behrmann, R., *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, [Documentos PAHIS, 9], p. 287-322.
- CURADO, F. P. (1984) — Uma nova estela do Bronze Final da Beira Alta (Baraçal, Sabugal, Guarda), *Arqueologia*, 9, Junho, Porto, p. 81-85.
- CURADO, F. P. (1986) — Mais uma estela do Bronze Final da Beira Alta (Fóios, Sabugal, Guarda), *Arqueologia*, 14, Dezembro, Porto, p. 93-109.
- DELGADO HERVÁS, A. (2001) — *De Guerreros a Comerciantes: poder e intercambio en las comunidades del Bronce Final de Andalucía Occidental*, Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, (policopiado).
- FERREIRA, A. de B. (1978) — *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4).
- GARCÍA DE FIGUEROLA, M. (1982) — Nueva estela decorada del tipo II en San Martín de Trevejo (Cáceres), *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, p. 173-180.
- GALÁN DOMINGO, E. (1993) — *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*, [Complutum extra 3], Madrid, Editorial Complutense.
- GALÁN, E. (2000) — Las estelas del Suroeste entre el Atlántico y el Mediterráneo, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*, Cádiz, IV, p. 1789-1797.
- GALÁN, E. (2008) — Las estelas del Suroeste: historias de gentiles damas y poderosos caballeros?. In *Acercándonos al pasado. Prehistoria en 4 actos*, Madrid, Ministério de Cultura, p. 1-12.
- GOMES, M. V. (1987) — Arte rupestre do Vale do Tejo. In *Arqueologia do Vale do Tejo*, Lisboa, IPPC, p. 26-43.
- GOMES, M. V. (1994) — *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves* [Xelb 2], Câmara Municipal de Silves / Museu Municipal.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1976-77) — As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel, Beja): Estudo Comparado, *Setúbal Arqueológica*, II-III, p. 281-343.
- HARRISON, R. J. (2004) — *Symbols and Warriors. Images of the European Bronze Age*, Bristol,

Western Academic & Specialist Press Limited.

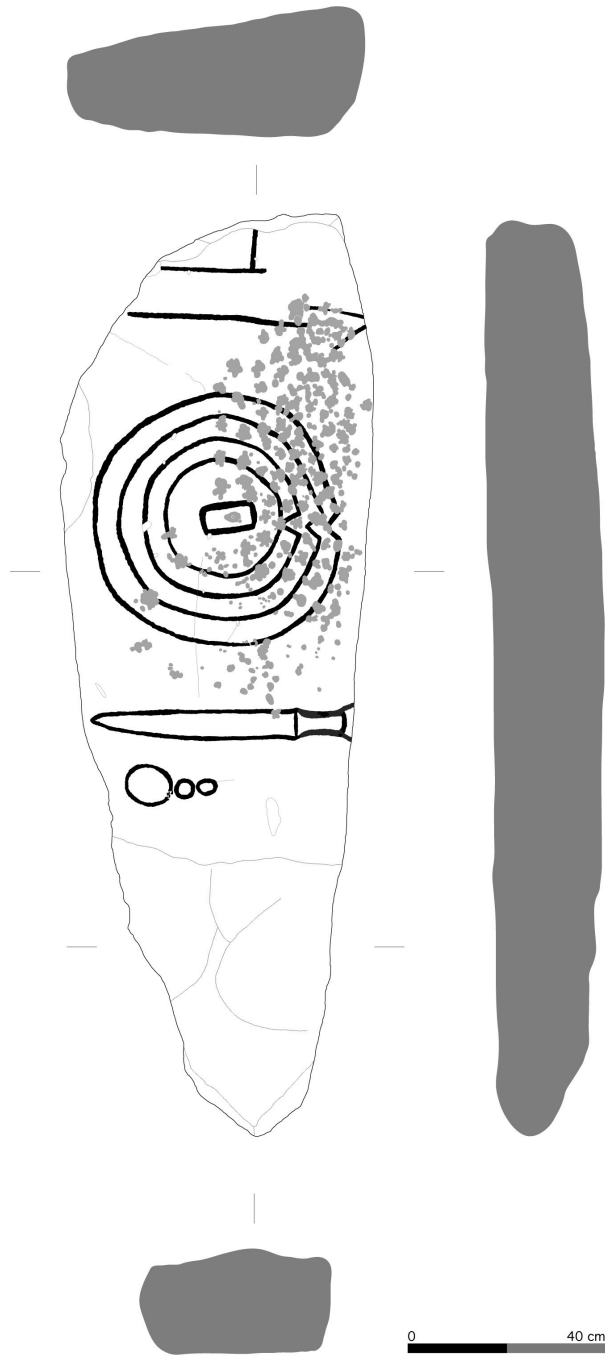
- LOURENÇO, F. (2005) — “Introdução”. In HOMERO, *Ilíada*, Lisboa, Livros Cotovia.
- MARTÍN BENITO, J. (2009) — Una estela de la Edad del Bronce en Robleda (Salamanca), *La Crónica de Benavente*. [<http://lacronicadebenavente.blogspot.com/2009/12/la-estela-derobleda.html>].
- MARTÍN MOMPEAN, J. L. (1992) — Nuevas aportaciones al estudio de dos estelas decoradas halladas en la cuenca sur del Duero (Beira Alta, Portugal), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma*, 19, p. 67-93.
- PROENÇA, F. T. (1905) — *Notice sur deux monuments épigraphiques*, Coimbra, Typographia França Amado.
- RODRIGUES, A. V. (1958) — Novos elementos para o estudo da Idade do Bronze. A estela de Meimão, *Studium General*, V, Centro de Estudos Humanísticos, Porto, p. 5-10.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. e GALÁN DOMINGO, E. (1991) — Las Estelas del Suroeste como hitos de vías ganaderas y rutas comerciales, *Trabajos de Prehistoria*, 48, p. 257-273.
- TEIXEIRA, C.; MARTINS, J. A.; MEDEIROS, A. C.; PILAR, L.; MESQUITA, L. P. de; FERRO, M. N.; FERNANDES, A. P.; ROCHA, A. (1962) — *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000. Notícia explicativa da folha 18-C - Guarda*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, C.; PERES, A. M.; PILAR, L.; FERNANDES, A. P. (1960) — *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50000. Notícia explicativa da folha 21-B - Quadrasais*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- TEJERA GASPAS, A.; FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, J.; RODRÍGUEZ PESTANA, M. (2006) — Las estelas tartésicas: losas sepulcrales, marcadores étnicos o representación de divindades guerreras?, *Spal*, 15, p. 149-165.
- VAZQUEZ HOYS, A. M. (1984) — Aspectos mágicos de la Antigüedad II. Los espejos mágicos, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 20, p. 18-24.
- VILAÇA, R. (1995) — *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*, [Trabalhos de Arqueologia 9], Lisboa, IPPAR.
- VILAÇA, R. (2000a) — Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze final da Beira Interior. In Ferreira, M. C. et alii (eds.), *Beira Interior, História e Património*. Guarda, p. 31-49.
- VILAÇA, R. (2000b) — Registos e leituras da Pré-história Recente e da Proto-história antiga da Beira Interior, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV, Porto, ADECAP, p. 161-182.
- VILAÇA, R. (2008) — A Proto-história no Museu do Sabugal. In *Museu do Sabugal, Coleção Arqueológica*, Sabugal, p. 39-51.
- VILAÇA, R. (2009) — Sobre rituais do corpo em finais do II-inícios do I milénio a.C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p. 489-511.
- VILAÇA, R.; CRUZ, D. J.; SANTOS, A. T.; MARQUES, J. N. (2001) — A estátua-menir de “Ataúdes” (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional, *Estudos Pré-Históricos*, IX, p. 69-82.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A. T.; MARQUES, J. N. (2004) — O monte de S. Martinho na Idade do Bronze (76 Estátua-menir, 77 Estátua-menir, 78 Menir). In *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, IPM, p. 159-166.
- VILAÇA, R. e CUNHA, E. (2005) — A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra), *Al-Madan*, II série, 13, p. 48-57.
- WARMENBOL, E. (2007) — Miroirs et mantique à l’âge du Bronze. In Burgess, C. et alii (eds.), *Beyond Stonehenge. Essays on the Bronze age in Honour of Colin Burgess*, Oxford, p. 377-396.



Estampa 1 - Localização das estelas do Barraçal e dos povoados coevos mais próximos: 1-Barraçal 1; 2-Barraçal 2; 3 - Vila do Touro; 4-Caria Talaia.



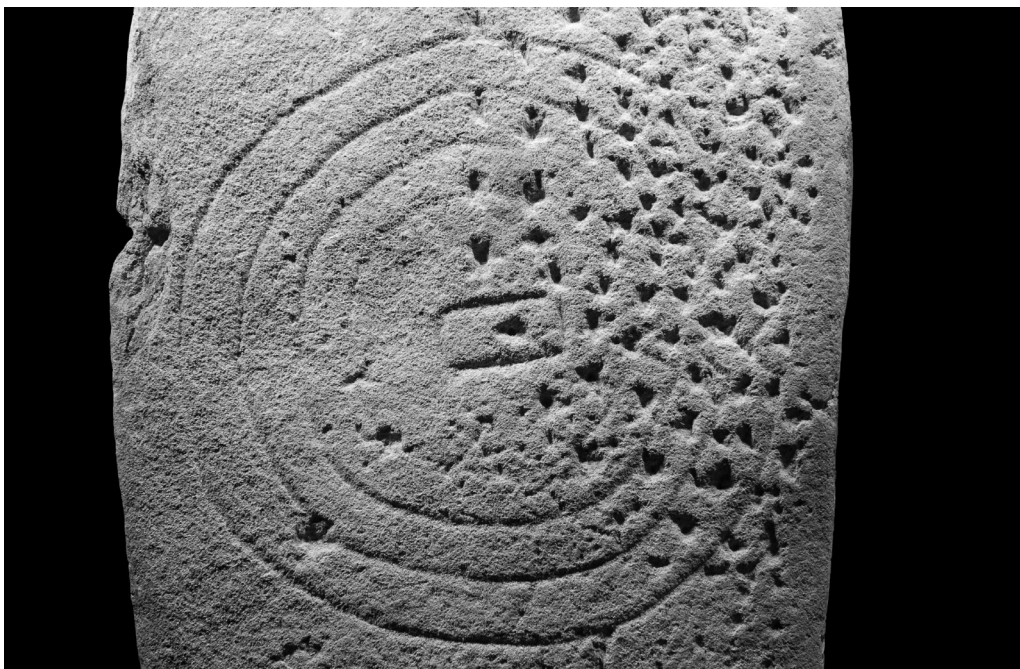
Estampa 2 - Paisagem, para norte (planalto da Guarda), desde o local com melhor visibilidade e mais próximo do achado da estela de Baraçal 2.



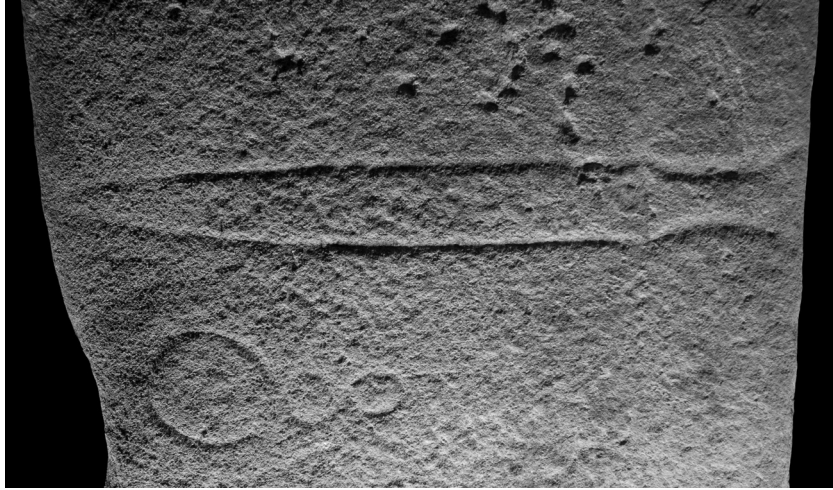
Estampa 3 - Decalque da estela de Baraçal 2.



Estampa 4 - Parte superior da estela de Baraçal 2, observando-se figura indeterminada e a lança.



Estampa 5 - Parte mesial da estela de Baraçal 2, observando-se o escudo.



Estampa 6 - Parte inferior da estela de Baraçal 2, observando-se a espada e o espelho.



Estampa 7 - Estela de Baraçal 2 (verso e reverso).



Estampa 8 - Estela de Baraçal 1.
(Fotografia de José Pessoa , DDF - IMC)



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR